

# Reler a Revista Electricidade

Eng. Ilídio Mariz Simões

A oportuna e feliz ideia de Ferreira Dias de se publicar uma revista "em que se expressasse as doutrinas, os estudos e as obras da nossa lida electrificadora" teve concretização quando em 1957 começaram a sair do prelo os primeiros números da *Electricidade*.

Na época o país vivia a euforia da construção e lançamento em serviço das instalações que iam formar a rede eléctrica nacional da produção e do transporte de energia eléctrica aos grandes centros consumidores.

A descrição pormenorizada dessas instalações ocupou bastantes páginas dos primeiros números de *Electricidade*.

As instalações com aplicação de "correntes fracas", que aliás tiveram precedência no país relativamente às de "correntes fortes", embora ainda tratadas como "parentes pobres" no ensino técnico, também estiveram representadas na revista pelo sector das telecomunicações.

Nestes primeiros números de *Electricidade* deu-se larga e permanente divulgação à utilização (prevista) da energia solar e à produção de electricidade por via nuclear. Uma central nuclear era então, entre nós, uma alternativa possível às outras formas de se produzir energia.

Os consumos energéticos iam sendo satisfeitos com base nas centrais hidroeléctricas, mas houve uma viragem no planeamento energético nacional, que veio dar precedência à componente térmica. E enveredou-se pela construção de centrais térmicas utilizando fuel-oil.

Infelizmente, ocorreu a chamada "crise do petróleo" e a produção de energia encareceu. A apetência pelo consumo da electricidade, que antes era incitada e favorecida por tarifas degressivas, teve um "travão", em princípio, porque tinha de se reduzir o consumo de óleo, enquanto se não dispusesse de outras fontes energéticas alternativas. E entrou-se num novo regime de consumos da electricidade, em que se apregoa a conservação, a racionalização, enfim a "poupança" de electricidade.

Procurei "inspiração" no folhear, necessariamente rápido, da volumosa colecção documental que hoje a revista *Electricidade* apresenta.

Receio não ter interpretado com rigor o sentido da solicitação. Além de que, nem tudo que escrevi estará rigorosamente certo e até cometi o "pecado" de continuar a utilizar a dicotomia "correntes fortes e correntes fracas" justificadamente expurgada no artigo sobre Engenharia Sistemática do Director actual da revista.

Por tudo isto, deixo ao seu esclarecido critério publicar ou não aquilo que escrevi. Para mim, o trabalho não foi de todo inútil pois despertou-me a vontade de voltar a reler, agora com vagar, os números da *Electricidade* já publicados. Muitos assuntos já estavam esquecidos.

I. Mariz Simões

Neste século, uma nova fase da ciência electrotécnica mostra-nos a sua face. É a ELECTRÓNICA, a ciência que estuda o comportamento dos electrões sob a acção de campos eléctricos e magnéticos. Dos estudos teóricos surgem rapidamente aplicações práticas.

Com surpreendente rapidez sucedem-se inventos de dispositivos electrónicos que nas suas múltiplas aplicações vem facilitar muitas tarefas do homem. Quer se trate de calcular, medir, controlar, regular, comandar, há sempre aparelhagem electrónica para se encarregar dessas funções maravilhosamente.

A *Electricidade* a partir dos anos 60, começa a referir-se-lhes.

É recordado que o transistor, inventado em 1948, revolucionou a técnica dos computadores, abriu a era do espaço e deu origem a uma indústria de milhares de milhões de peças. Ninguém ignora, por exemplo, que o transistor veio substituir com vantagem as válvulas termoiónicas nos receptores de radio-difusão, que orgulhosamente se designavam por transistorizados.

A indústria do fabrico de dispositivos electrónicos criou raízes no país para consumo próprio e exportação.

Vieram a seguir as aplicações da chamada electrónica de potência, domínio tecnológico servindo entre a distribuição de energia e as instalações industriais, para, entre outras aplicações, permitir a

conversão das características das correntes com regulação simples e fácil emprego dos diodos, tiristores, triacs ligados a sistemas de controlo.

A importância assumida pela colaboração na revista na área da electrónica e atendendo ainda que nela se tratava o tema da energia numa forma geral, justificou que passasse a intitular-se: *Electricidade-Energia-Electrónica* (a partir de 1979).

Nas áreas da produção e aplicações da electricidade industrial a revista continua a dar-nos notícia relativa a novas centrais térmicas e hídricas, incluindo-se

nestas as discutidas mini-hídricas dos auto-produtores. Também prosseguem as referências ao recurso a fontes energéticas alternativas: a solar (designadamente a foto-voltaica), a nuclear, a da bio-massa (na fase de investigação e experimental), a da geotermia açoreana, etc.

Fora do sector da electricidade, examinam-se as possibilidades da instalação no país de uma distribuição de gás natural.

Na passagem de vista rápida que fiz aos números da revista *Electricidade* deparei com um artigo da autoria do actual Director que salienta a necessidade de se escrever uma "história da electricidade em Portugal".

Já não me lembrava dessa pretensão, mas como se deve calcular, encheu-me de satisfação, por vir ao encontro das minhas próprias ideias, e nesse sentido tenho contribuído com algumas desageitadas "achegas". Outras pessoas se manifestaram em idêntico sentido. Lembro o Dr. André Velasco, administrador da C.E.B. e ao tempo presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, ter apresentado uma proposta para que cada empresa escrevesse a sua história. Ignoro que seguimento teve, mas aparte do que consta ao n.º 100 da revista *Electricidade*, pouco mais se publicou. Mesmo nesta revista só raramente aparecem artigos a tal respeito.

Pessoalmente, dada a minha avançada idade e dificuldades acentuadas na vista, pouco mais poderei produzir. É quase sempre um trabalho moroso pelas investigações a que se tem de proceder.

Se há realmente interesse em explorar este "filão" da história da electricidade portuguesa, há que procurar alguém mais jovem e competente para o fazer. Lembro o nome do Eng. Abílio Fernandes, com quem colaborei na redacção do livro "*Lisboa e a Electricidade*" editado no final do ano passado pela EDP. Quem teve ocasião de o ler, poderá aquilatar do valor literário do Eng. Abílio Fernandes.

*I. Mariz Simões*

Nos últimos anos, relativamente a aplicações das "correntes fortes", a tracção eléctrica tem sido objecto de bastantes comunicações, em particular no que respeita a características dos motores nela usados, à sua utilização nos transportes urbanos (caso do metropolitano de Lisboa e do projectado para o Porto), etc.

No decurso destes últimos anos temos assistido ao impressionante desenvolvimento de novas e importantes tecnologias na área da electrónica e as páginas da *Electricidade* dão testemunho preciso deste acontecimento.

Para além da utilização extensiva e intensiva dos computadores e processadores de dados, surgiram as aplicações utilíssimas das engenharias de automação, informática, robótica e segurança.

A encerrar este despretencioso e incompleto esboço retrospectivo dos 36 anos de publicação da *Electricidade*, apenas acrescentaremos que a revista ultrapassou largamente as metas que de início lhe tinham sido fixadas, graças ao inteligente labor da sua Direcção e de todos aqueles que nela vieram colaborar.

O material didáctico arquivado na revista constitui hoje, um volumoso repositório técnico e científico do mais elevado valor cultural. É ele, que quanto a mim, representa o "significado" da *Electricidade* durante o passado e o presente.

Quanto ao futuro, temos fé que esta obra cultural prosseguirá sob a inteligente direcção do Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos, dadas as sobejas provas das suas capacidades intelectuais e de trabalho demonstradas desde os remotos tempos em que era docente na Universidade de Luanda e começou a colaborar na revista.

Os nossos mais sinceros votos que ao encontro dos seus esforços disponha dos indispensáveis meios e apoi-os para bem se desempenhar da sua operosa missão. ■

Algures, o Dr. Eng. Duarte-Ramos escreve que o Eng. Ferreira Dias foi presidente do Conselho Administração da Companhia Portuguesa de Electricidade, empresa resultante da fusão da HEZ, HICA, HIDOURO, ETP e CNE.

Ora acontece que Ferreira Dias faleceu antes da constituição desta empresa.

Era na altura Presidente da empresa transportadora Companhia Nacional de Electricidade-CNE. Aqui fica a corrigenda.

O primeiro presidente da CPE foi o Eng. José Machado Vaz, que por morte foi substituído pelo General Sá Viana, o qual praticamente não chegou a exercer o mandato, como consequência do 25 de Abril.

*I. Mariz Simões*